

## 5. Construindo o vínculo pai-bebê: a experiência dos pais

### Resumo

Este artigo se propõe a discutir as experiências subjetivas durante a transição para a paternidade, dando ênfase às vivências masculinas no estabelecimento do vínculo pai-bebê. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, na qual foram entrevistados oito homens que se tornaram pais recentemente, com idades entre 24 e 36 anos, pertencentes ao segmento socioeconômico médio da população carioca. Da análise das entrevistas emergiram oito categorias temáticas: Mãe é mãe; Ser Pãe; Demandas contraditórias: patriarca e cuidador; O homem grávido; Ultrassonografia como ritual de passagem; O nascimento do pai; A construção de um vínculo; Dos indivíduos à família. Neste trabalho, serão discutidas as três últimas categorias. Constatou-se que na atualidade os pais estão afirmando cada vez mais seu desejo de participação no parto de seus filhos e que as trocas diárias entre pai e filho desde o nascimento são facilitadoras da construção do vínculo pai-bebê.

**Palavras-chave:** Paternidade; vinculação precoce; parto; pós-parto.

### Introdução

O parto representa o início da passagem do bebê imaginário para o bebê real. É neste momento que se dá a primeira grande separação mãe-bebê. O filho, que antes habitava o corpo da mãe - fazendo, neste sentido, parte dela própria - e era imaginado no psiquismo dos pais, passa a ser concretamente visto como uma pessoa, encontrando o mundo e dando lugar ao bebê da realidade (Maldonado, Nahoum & Dickstein, 1985; Jardim & Penna, 2012; Berlinck, 2014).

É no parto que os homens/pais vão ter a primeira possibilidade de estabelecerem trocas diádicas com seus filhos. Nesse sentido, o envolvimento do pai no processo parece favorecer a vinculação precoce entre pai e bebê. De acordo com Brandão (2009) e Jardim e Penna (2012), a participação paterna no parto contribui para a ativação de respostas emocionais protetivas do pai em relação ao

filho, provavelmente favorecidas pela partilha de intimidade e proximidade com o recém-nascido nos seus primeiros momentos de vida.

Para o homem, assim como para a mulher, o parto marca um momento de transição para algo nunca vivenciado anteriormente: ser pai daquele bebê que acaba de nascer. O nascimento é, portanto, um rito de passagem, que simboliza a entrada em uma vida com novas responsabilidades familiares e sociais. Neste sentido, pode gerar sentimentos contraditórios, como ansiedade, insegurança, estresse, alegria e medo (Mazzieri & Hoga, 2006; Jardim & Penna, 2012; Antunes, Pereira, Vieira & Lima, 2014; Ferreira, Martendal, Santos, Birolo & Lopes, 2014).

O medo de que algo ruim aconteça à mãe ou ao bebê durante o parto é bastante comum, ocorrendo em variadas intensidades (Jardim & Penna, 2012; Antunes *et al.*, 2014). O medo do parto pode estar relacionado ao medo da morte, na medida em que nascimento e morte são situações semelhantes por serem irreversíveis. Segundo Maldonado *et al.* (1985), os polos opostos se tocam, gerando a sensação de que a mulher pode estar carregando dentro de si tanto a vida como a morte.

Apesar de geralmente vivenciarem insegurança e medo, é comum que os homens guardem para si a tensão anterior ao parto e toda sua preocupação referente à forma como transcorrerá o processo, a fim de não passar sua angústia para a parturiente. Geralmente somente quando o filho nasce e o pai se certifica de que mãe e filho estão bem é que se sente livre para expressar seus sentimentos. Frequentemente é então que a tensão dá lugar a uma euforia paterna, repleta de emoção (Maldonado *et al.*, 1985; Jardim & Penna, 2012; Antunes *et al.*, 2014).

Segundo Oliveira e Silva (2012), parece haver dificuldade por parte dos homens em transpor em palavras os sentimentos por eles experimentados durante o parto, apesar de qualificarem-no como uma experiência significativa em suas vidas, parecendo ter vivenciado esse momento de forma prazerosa e com satisfação. Jardim e Penna (2012) constataram que a emoção indizível é concretizada pelos pais em expressões como “um momento único”, “uma experiência única”, denotando o nascimento de um filho como um momento singular e inesquecível, que marca emocionalmente as pessoas e transforma profundamente suas relações familiares.

A experiência do parto pode encorajar os homens a desenvolverem uma paternidade mais participativa, se envolvendo mais nos cuidados iniciais com o bebê. Parece constituir-se em uma possibilidade de amadurecimento pessoal, na medida em que propicia reflexões sobre o valor da vida e da relação conjugal. De modo geral, os pais que participam do nascimento de seus filhos tendem a considerar esta experiência como positiva, propulsora de sentido para a paternidade e facilitadora do processo de transição para a parentalidade (Brandão, 2009; Mazzieri & Hoga, 2006; Jardim & Penna, 2012).

O movimento de reorganização familiar para incluir o novo membro geralmente leva os pais a repensarem sobre o sentido da vida e a redimensionarem valores, expectativas e prioridades (Maldonado *et al.*, 1985; Jardim & Penna, 2012). Dessa forma, o nascimento de um filho pode constituir-se em uma fonte de satisfação, pela realização pessoal que promove, pelo novo significado que os pais atribuem à vida e pela aproximação que pode proporcionar entre os cônjuges e a família extensa. Ao mesmo tempo, pode ser fonte de estresse devido à necessidade de reorganização individual, conjugal, familiar e profissional, e às exigências de prestação contínua de cuidados que o bebê demanda (Ramos & Canavarro, 2007).

As primeiras semanas do bebê geralmente são percebidas de forma semelhante por pais e mães no sentido da tentativa de adaptação ao sono interrompido durante a noite, ao aumento das responsabilidades, às incertezas experimentadas, e à vivência de sentimentos contraditórios. É comum haver em pais e mães o sentimento de insegurança durante esta fase. As tarefas de cuidado com o bebê recém-nascido demandam mais do que os pais imaginam, sendo as restrições na rotina do casal mais intensas depois do parto do que durante a gestação (Maldonado *et al.*, 1985; Medeiros & Santos, 2009; Oliveira & Brito, 2009; Jager & Bottoli, 2011).

Nas primeiras semanas, há um vínculo praticamente exclusivo entre mãe e bebê, sendo a mulher a figura principal para o filho na medida em que este depende dela para suas necessidades básicas (Maldonado *et al.*, 1985; Oliveira & Brito, 2009). Dessa forma, o pai vê-se obrigado a ceder à companheira o papel principal perante o bebê, uma vez que foi ela quem gestou, pariu e agora amamenta o filho (Brandão, 2009). Neste sentido, no início o homem pode sentir-

se excluído e frustrado, sem saber como se aproximar, posto que ele também necessita de proximidade e atenção neste período.

Devido ao fato de não gestar e não amamentar seu filho, alguns autores (Maldonado *et al.*, 1985; Serafim & Lindsey, 2002; Piccinini, Silva, Golçalves, Lopes, Tudge, 2004; Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer & Lopes, 2009; Nogueira, 2011) apontam que a formação do vínculo pai-bebê parece ocorrer de forma mais lenta do que o estabelecimento do vínculo mãe-bebê, costumando consolidar-se gradualmente após o nascimento e ao longo do desenvolvimento da criança.

Vivenciar momentos de intimidade com o bebê por meio de cuidados como troca de fraldas, banhos e afagos, pode ser assegurador para o pai, na medida em que esta rotina de envolvimento lhe confere um papel importante na família. Ao prestar cuidados ao bebê, o pai desenvolve estratégias de comunicação com ele diferentes daquelas que o recém-nascido tem com a mãe. Desta forma, o bebê aprende a reconhecer o pai e a esperar acolhimento também por parte dele. Ao mesmo tempo, o homem se sente incluído na medida em que é reconhecido pelo filho e estabelece com ele uma relação de proximidade (Brandão, 2009; Piazzalunga & Lamounier, 2011; Resende *et al.*, 2014).

Alguns estudos recentes (Oliveira & Brito, 2009; Piazzalunga & Lamounier, 2011; Resende *et al.*, 2014) constataram que os pais têm participado ativamente do período puerperal, desenvolvendo atitudes de cuidado com a companheira, se preocupando com a saúde do filho, garantindo o sustento familiar e realizando as atividades domésticas. Contudo, Medeiros e Santos (2009) constataram que a maior participação dos pais no período posterior ao parto é na realização das tarefas domésticas, e que o cuidado com os bebês geralmente fica a cargo da mãe ou de outras mulheres da família.

Segundo Medeiros e Santos (2009) e Oliveira e Brito (2009), o cuidado direto do pai com o recém-nascido ainda ocorre de forma limitada, sendo suas ações muitas vezes mediadas por terceiros. Serafim e Lindsey (2002) afirmam que, de modo geral, nos primeiros meses de vida do bebê o pai se mantém a margem dos processos de cuidado com o filho. Uma vez que seus conhecimentos sobre o assunto geralmente não são valorizados pela mulher, pela família e pelos profissionais de saúde, o homem acredita que sua participação no que tange os

cuidados com o bebê é irrelevante, o que faz com que não se envolva efetivamente no processo.

Essas reflexões nos levam a considerar que o homem vivencia de forma intensa os meses que sucedem o parto. Dessa forma, o casal precisa lidar não só com as alterações físicas e emocionais sofridas pela mulher, mas também com as vivências subjetivas masculinas decorrentes do exercício da paternidade.

A transição para a parentalidade constitui-se em um dos momentos mais importantes do ciclo vital, pois modifica o psiquismo dos pais e impõe uma reorganização ao sistema familiar (Picus & Dare, 1978; Zornig, 2010; Jager & Bottoli, 2011). Os pais também passam por elaborações psíquicas extremamente importantes nesta etapa do ciclo de vida, sendo imprescindível que as ações no âmbito da saúde sejam voltadas também para os homens. Neste sentido, a fim de ampliar o debate a respeito do tema na atualidade e contribuir para ações de assistência à família no âmbito da saúde coletiva, no presente artigo pretendeu-se discutir a vivência do estabelecimento do vínculo pai-bebê pelos homens.

## Método

### Participantes

Foram entrevistados oito homens dos segmentos médios da população carioca, com idades entre 24 e 36 anos, que se tornaram pais há no mínimo dois meses e no máximo um ano, e que coabitam com a mãe do bebê.

	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Sexo do bebê</b>	<b>Idade do bebê</b>	<b>Tipo de parto</b>
<b>P1</b>	31	Médico	Menina	3 meses	Cesárea
<b>P2</b>	35	Advogado	Menino	1 ano	Cesárea
<b>P3</b>	36	Técnico-Administrativo	Menina	4 meses	Cesárea
<b>P4</b>	34	Professor e escritor	Menino	7 meses	Cesárea

<b>P5</b>	33	Administrador	Menina	2 meses	Parto vaginal
<b>P6</b>	24	Tradutor	Menina	4 meses	Parto vaginal
<b>P7</b>	31	Músico	Menina	2 meses	Parto vaginal
<b>P8</b>	32	Administrador	Menina	1 ano e 1 mês	Cesárea

## Instrumentos

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, contendo questões abertas, composta pelos seguintes eixos temáticos: experiências subjetivas durante a transição para a paternidade; participação masculina nos cuidados com o filho; experiências corporais; redes de apoio. Foi realizada uma entrevista-piloto com o objetivo de aprimorar o roteiro.

## Procedimentos

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, os participantes foram selecionados a partir de contatos informais em diferentes redes de sociabilidade da pesquisadora. As entrevistas foram gravadas em áudio, com a devida autorização dos participantes, mediante a assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O material foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo (Bardin, 2011). Das falas dos entrevistados emergiram oito categorias de análise: *Mãe é mãe*; *Ser Pãe*; *Demandas contraditórias: patriarca e cuidador*; *O homem grávido*; *Ultrassonografia como ritual de passagem*; *O nascimento do pai*; *A construção de um vínculo*; *Dos indivíduos à família*. Dentre elas, as três últimas foram selecionadas para a discussão do presente artigo por estarem mais diretamente relacionadas à vivência do estabelecimento do vínculo pai-bebê.

## Resultados e discussão

## O nascimento do pai

De acordo com os estudos de Mazzieri e Hoga (2006), Brandão (2009) e Oliveira e Brito (2009), os pais têm expressado cada vez mais seu desejo de estarem presentes no parto, entendendo o nascimento como uma possibilidade de vinculação precoce com o bebê. Corroborando com estes estudos, os homens entrevistados não demonstraram nenhuma dúvida com relação à sua presença no parto de seus filhos, apontando para certa naturalização do envolvimento do pai no processo do nascimento nas camadas médias dos grandes centros urbanos contemporâneos.

*Eu acompanhei todo o parto, fiz questão de estar lá (P3).*

*Eu acompanhei o parto todo, fiquei na sala de cirurgia, vi tudo, fotografei, não desmaiei, enfim, foi legal (P2).*

Segundo Brandão (2009) e Jardim e Penna (2012), o parto consiste na primeira grande separação mãe-bebê, sendo o primeiro momento em que os pais entram em contato com a concretude do filho. Os entrevistados falaram sobre a importância do parto para os homens, por ser o momento em que se sentem de fato pais.

*Eu acho que o momento mais marcante é o parto, pelo menos pra mim, assim (P5).*

*Esse momento em que você vê que você se tornou pai eu acho que é o momento do nascimento. (...)quando você vê o bebê pela primeira vez que você vê que o negócio é sério, não é só uma barriga (P2).*

*Agora o nascimento, claro, é um momento muito mágico, porque de um minuto para o outro não existe o filho e, por mais que exista gravidez, gravidez não é filho ainda, gravidez é uma outra coisa (P4).*

É no parto que as expectativas e ansiedades do casal com relação ao filho tomam uma dimensão real, confirmando ou não os medos sentidos pelos pais durante a gestação. O medo do parto apareceu no discurso de dois dos entrevistados, referido tanto à morte como à possibilidade de que o bebê passasse por algum tipo de sofrimento no nascimento, corroborando com as postulações de Maldonado *et al.* (1985), Jardim e Penna (2012) e Antunes *et al.* (2014) sobre o medo no parto.

*Eu vi a médica nessa hora também muito preocupada e aí essa preocupação passou pra mim. Será que tá tudo bem, será que o Fo tá passando mal, tá doente, tá com alguma falta de ar?(P2)*

*Eu tinha mais medo na verdade dela morrer do que da minha filha. O quadro que pintava na minha cabeça, uma coisa que me assustava profundamente era a possibilidade de eu ter que criar uma criança sozinho, eu ter que lidar ao mesmo tempo com o luto da minha mulher e a responsabilidade de criar uma criança (P1).*

Em consonância com os estudos de Maldonado *et al.* (1985), Jardim e Penna (2012) e Antunes *et al.* (2014), que apontam para o fato de o homem geralmente guardar para si as preocupações anteriores ao parto, os pais entrevistados também relataram ter expressado seus sentimentos somente após seus filhos terem nascido. Ficou clara a passagem de um momento de tensão para um momento posterior de alívio e alegria quando atestaram o bem estar de suas parceiras e de seus filhos.

*Quando ele saiu e eu olhei pra médica e eu perguntei se tava tudo bem e ela falou que tava tudo bem, e quando ele chorou, principalmente, aí eu vi que tava tudo ok. (...) então eu fiquei tranquilo (P2).*

*Eu vi ela saindo e é engraçado porque sai meio que um trapinho roxo e eu fiquei olhando, meu deus, eu olhei pra médica tipo “ta vivo?” Porque não tava se mexendo, tava roxo, sabe? E a médica tava com uma cara normal, então eu pensei beleza, tá vivo, senão ela estaria com uma cara desesperada (P6).*

*Ao longo da gravidez eu pensei que várias coisas poderiam dar errado, quando eu vi que tava tudo bem, aí nessa hora, quando eu vi o quadro, quando eu vi a cena, eu lembro claramente, essa foi a única hora que eu fiquei emocionado (P1).*

De acordo com os sujeitos, foi nesse momento que o bebê saiu e que atestaram que estava tudo bem que se sentiram emocionados, o que sugere a sensação de terem vencido o medo da morte, como postulado por Jardim e Penna (2012).

*Quando nasceu você fica emocionado, você vê que, pô, todo seu esforço deu certo, você vê que nasce com saúde, é muito legal (P8).*

*Foi maravilhoso, ver aquela criancinha saindo, chorando, e vai pro colo da mãe e tal. Sua filha ali, é muito doido, né cara (P7).*

*É uma alegria muito grande, é uma... você fica ali observando ele saindo assim, e ele sai perfeitinho.. é uma emoção, eu acho que a maior emoção da minha vida, certamente eu acho que foi essa (P3).*

Corroborando com as postulações de Oliveira e Silva (2012) e Jardim e Penna (2012) sobre a dificuldade dos homens de expressar em palavras os sentimentos experimentados durante o parto, apesar de qualificarem-no como um momento singular e inesquecível, os entrevistados relataram:

*(...)quando sai é uma emoção muito diferente. Mas sei lá, não tem muito como descrever (P5).*

*(...) é difícil até falar em palavras como é o sentimento, mas é um momento acho que único na vida de um homem (P3).*

Para os entrevistados, o parto constituiu-se em um marco na transição para a paternidade, apontando para a participação no nascimento do filho como um evento fundamental também no nascimento do pai.

*Acho que o momento do nascimento foi um marco pra mim (P2).*

*O momento do parto foi bem marcante (P6).*

Um dos entrevistados chegou a expressar sua identificação com o filho no nascimento, sugerindo a noção de um nascimento também por parte do pai, que a partir daí passa a desempenhar um novo papel social, tem que reorganizar seu sistema familiar e passa por uma reestruturação psíquica (Picus & Dare, 1978; Zornig, 2010; Jager & Bottoli, 2011).

*Ah, e eu fiquei muito identificado! Eu quase chamava ele pelo meu próprio nome, de verdade. Quando eu vi, eu queria falar meu nome, pra mim era eu que eu tava vendo, era eu bebê. Não sei, eu tinha certeza que era eu. Não é um raciocínio, é uma sensação. E ao mesmo tempo o raciocínio tá lá dizendo, não, você é o P. e ele é o Fo., mas é uma coisa de olhar e ver na hora, nossa, sou eu nascendo. Achar que tava me vendo, como se eu tivesse me vendo como era quando eu nasci, isso foi muito intenso (P4).*

Segundo Brandão (2009), Mazzieri e Hoga (2006) e Jardim e Penna (2012), a experiência do parto contribui para a elaboração da transição para a

parentalidade e pode encorajar os homens a se envolverem mais nos cuidados iniciais com seus filhos. Em consonância com os resultados obtidos nesses estudos, os entrevistados na presente pesquisa atribuíram extrema importância ao nascimento, apontando sua presença no parto como facilitadora da construção do vínculo pai-bebê e da reorganização do sistema familiar, na medida em que confere sentido à paternidade.

### **A construção de um vínculo**

A construção do vínculo pai-bebê parece ocorrer de forma lenta, consolidando-se gradualmente ao longo do desenvolvimento da criança (Maldonado *et al.*, 1985; Serafim & Lindsey, 2002; Piccinini *et al.*, 2004; Piccinini *et al.*, 2009; Nogueira, 2011). Indícios dessa construção gradual apareceram na fala da maioria dos entrevistados, que relataram perceber o filho, de início, como uma pessoa desconhecida.

*Porque você não conhece aquela criança, você não conhece. (...) Acho que é importante respeitar isso, você não pode achar que já vai sair ali de primeira com uma coisa de uma intimidade, de um amor. Não, na verdade você vai construindo isso (P7).*

*Meu tio falou uma coisa que agora eu to entendendo: filho a gente vai amando cada vez mais. E é verdade. Embora seja um produto da nossa união, metade eu metade ela, quando ele nasce ele é um estranho, ele não é alguém conhecido. Ele pode ser fruto nosso, mas ele é desconhecido (P4).*

*Até brinco com a minha mulher né, de como é que pode, uma pessoa que você não conhecia, e de repente você passa a amar mais do que tudo, então isso é muito louco da paternidade (P2).*

O fato de o pai não gestar e amamentar o bebê colabora para o desenvolvimento mais gradual do vínculo entre pai e filho do que entre mãe e filho (Maldonado *et al.*, 1985; Serafim & Lindsey, 2002; Piccinini *et al.*, 2004, Piccinini *et al.*, 2009; Nogueira, 2011). Um dos entrevistados falou sobre a diferença entre o estabelecimento do vínculo mãe-bebê e o do vínculo pai-bebê.

*Eu acho que o amor... não sei, talvez o de mãe tenha algumas variações, mas o de pai pra filho é certamente algo que vai se construindo... (P4).*

Os entrevistados falaram sobre a sensação de crescimento do vínculo a cada dia que passa, sugerindo a noção de um vínculo que vai gradativamente sendo investido por ambas as partes.

*Meu filho não tá plenamente constituído, então eu não conheço ele tão bem e vou conhecer ele melhor. E conforme eu conhecer ele mais eu acho que eu vou amar ele mais, porque essa construção é conjunta, não é uma construção independente. E essa construção eu acho que é o amor, que é como no casamento, né, de certo modo (P4).*

*Eu acho que o vínculo emocional ele é construído com o tempo, então assim, meu vínculo emocional com a minha filha ele cresce a cada vez e cresce muito, exponencialmente (P8).*

Ao contrário do que afirmam os estudos de Medeiros e Santos (2009) e Oliveira e Brito (2009) sobre o cuidado direto do pai com o recém-nascido ainda ocorrer de forma limitada na atualidade, os entrevistados, em sua maioria, relataram participar intensamente das rotinas de cuidado e demonstraram empenho na construção da intimidade na relação com seus filhos.

*Quando eu to ninando, eu canto, eu boto um DVD, eu converso. Ela não entende exatamente o contexto da conversa, mas eu acho que a voz, o ritmo, eu acho que isso influencia (P3).*

Os resultados do estudo de Serafim e Lindsey (2002) também apontaram para a preponderância de um pai à margem do processo, devido à pouca participação no que tange os cuidados com o bebê. No presente estudo, porém, a maioria dos pais falou sobre o desejo de se envolver nos cuidados com o filho desde o nascimento a fim de investir na vinculação precoce com o bebê. Os entrevistados falaram, também, sobre os ganhos de acompanharem o desenvolvimento de seus filhos desde o início.

*Eu acho assim, eu espero criar um canal com ele de muita intimidade, de muita amizade, companheirismo, camaradagem. (...) Eu queria ter a intimidade que eu tenho com a minha mãe com o meu pai, e eu não tenho. E eu quero que meu filho tenha comigo a mesma que eu tive com a minha mãe. Eu quero construir isso com ele, não sei se vai dar. Mas eu acho que o fato de eu estar fazendo isso eu me sinto construindo esse espaço (P4).*

*A primeira vez que ela acompanhou um copo com o rostinho, foi “meu deus ela acompanhou o copo!” E eu fiquei passando o copo só pra ver*

*aquilo, sabe? Então, é isso, eu acho que com o passar do tempo você vê as coisas aparecendo, as coisas nascendo. Eu acho que o nascimento deixa de ser uma coisa pontual (P6).*

Em consonância com as pesquisas de Brandão (2009), Marques *et al.* (2010), Piazzalunga e Lamounier (2011) e Resende *et al.* (2014), percebemos no discurso dos sujeitos que o papel que o pai ocupa na família quando vivencia momentos de intimidade com o bebê é crucial para o estabelecimento do vínculo pai-bebê. Os homens entrevistados ressaltaram a importância do envolvimento no cuidado com seus filhos para o desenvolvimento da intimidade entre ambos e para o estabelecimento de uma relação de proximidade. Dessa forma parecem também garantir seu lugar no grupo familiar, minimizando o sentimento de exclusão geralmente experimentado pelo pai no pós-parto.

### **Dos indivíduos à família**

O nascimento de um filho demanda reorganização na vida de ambos os pais nos aspectos individuais, conjugais, familiares e profissionais, levando o casal a repensar sobre o sentido da vida e a redimensionar valores (Maldonado *et al.*, 1985; Ramos & Canavarro, 2007; Jardim & Penna, 2012). No discurso dos entrevistados tal movimento reorganizativo apareceu de forma clara, marcando a passagem do casal, onde as individualidades pareciam mais bem delimitadas, à família.

*Você tem que ter consciência pra saber que com uma criança pequena eu não vou poder largar ela a noite pra ir ao teatro, ao cinema, viajar, não. Você tem que ter maturidade pra saber que a privação dessas coisas, desses prazeres, nesse momento, é compensada pela felicidade que uma criança traz (P3).*

*E eu acho que é um aprendizado muito importante você começar a não poder fazer as coisas que você quer pra você porque você tem que cuidar de uma outra pessoa, mas de uma maneira leve, sabe? Porque você quer, não porque você é obrigado. Mas eu passo por isso às vezes, é uma coisa que eu fico pensando, não chega a ser um mal estar não, mas resignificando, sabe? (P7).*

Segundo Maldonado *et al.* (1985), Medeiros e Santos (2009) e Oliveira e Brito (2009), nas primeiras semanas do bebê há necessidade de adaptação ao sono interrompido durante a noite, ao aumento das responsabilidades e às incertezas

experimentadas. As tarefas de cuidado com o bebê recém-nascido geralmente demandam muito, proporcionando intensas modificações na rotina do casal depois do parto. Os pais entrevistados falaram sobre como vivenciaram as alterações em suas rotinas de alimentação, higiene, sono, trabalho e programas que costumavam realizar.

*Se você viveu 35 anos e você tem sua vida profissional desde os 20 e poucos, a tua independência é muito grande, então você faz o que você quer. Os teus programas, quando você casa você começa a fazer programas a dois, mas mesmo assim você acorda mais tarde, você vai dormir mais tarde, você tem a sua rotina ali muito pautada exclusivamente por você. E quando você tem um filho, você passa a ter uma outra pessoa pautando a sua vida. Então no fim de semana você não acorda a hora que você quer, você acorda na hora que a criança acordar (P2).*

*Eu tive que fazer umas mudanças na minha vida, tive que sair mais cedo do trabalho alguns dias, por que antes eu saía bem tarde algumas vezes na semana, eu tenho que chegar aqui pra poder tomar conta dela de noite por que minha mulher vai trabalhar. De manhã eu acordo mais cedo pra poder ficar com ela, porque antes eu acordava mais tarde pra ir pro trabalho...(P5).*

No pós-parto o homem pode sofrer também com a diminuição da atenção que outrora recebia da parceira, e sentir que ocupa agora um segundo plano, tanto para ela como para o filho, percebendo-se como menos importante, abandonado e excluído (Brandão, 2009; Oliveira & Brito, 2009; Silva *et al.*, 2012; Resende *et al.*, 2014). Na fala de um dos entrevistados a diminuição da atenção da parceira apareceu como uma das mudanças difíceis durante os primeiros meses do bebê.

*Você tem na verdade um turbilhão de sensações, porque você também deixa de ser a prioridade pra mãe. A mãe também volta as atenções pro bebê, então a vida muda muito, e é uma mudança muito importante na vida (P2).*

Ramos e Canavarro (2007) apontam para a ambivalência vivenciada pelo casal durante esta fase por mobilizar sentimentos contraditórios como a satisfação pela realização pessoal e o estresse devido à necessidade de reorganização individual. No discurso dos entrevistados tal ambivalência ficou clara, na medida em que os sujeitos expressaram muita satisfação por estarem vivenciando esta etapa do ciclo vital, mas, ao mesmo tempo, apontaram para o descontentamento por terem flexibilizado a delimitação de suas individualidades.

*Os teus projetos de vida você tem que dar uma freada porque tem o bebê, isso tá pegando pra mim agora, que é essa coisa de compartilhar tempo. O tempo que eu tinha pra mim, pra pensar nas minhas coisas, pra compor, pra fazer as coisas da minha vida, tenho que fazer muito menos em função do bebê. E tem um lado prazeroso nisso que é o lado “pô, você tá cuidando de um filho, que é maravilhoso”, mas tem um lado frustrante, que é um lado “pô, eu queria tá podendo fazer mais coisas” (P7).*

*Eu tenho sentido um pouco falta do meu espaço (P4).*

*Te pauta muito e ele te dá essa real noção do teu egoísmo. Você fala: pô queria ter meu tempo, queria ter meu espaço, mas você ao mesmo tempo entra naquele conflito, por que ao mesmo tempo que você quer espaço você quer aquele serzinho (P2).*

Matos e Magalhães (2014) enfatizam a dificuldade dos jovens de abdicar dos prazeres individuais em prol de outrem em um contexto extremamente individualista e hedonista, no qual os filhos, muitas vezes, são considerados como bens de consumo. P1 apontou o fato de ter um filho como um dos itens da “agenda” a ser alcançada.

*Parece muito que o filho hoje virou mais um item dentro da agenda. Eu já tenho um marido, já tenho um emprego, já tenho um apartamento, já tenho um carro, agora eu vou ter um filho (P1).*

Contudo, ao se tornarem pais, muitos dos entrevistados passaram a problematizar a valorização exacerbada da individualidade, redimensionando seus valores. Os pais relataram como o nascimento de seus filhos os levou a abrir mão de determinadas coisas, abrindo espaço para o compartilhamento de seu tempo e os levando a repensar sobre o egoísmo.

*O tempo que eu tinha para mim, pras coisas que eu gostava de fazer, agora eu tenho que encaixar uma outra pessoa aqui, e tenho que dividir. E isso é pro resto da vida, não é só agora. Tenho que dividir isso com outra pessoa. E eu que nasci numa família de classe média, tinha todos os caprichos, a gente se acostuma com o eu, eu, eu: eu quando eu quero, na hora que eu quero, do jeito que eu quero (P7).*

*Eu me sinto mal às vezes fazendo uma coisa pra mim, me sinto um pouco egoísta, aí eu tenho que ficar negociando comigo o quanto eu posso brigar pelo meu tempo (P4).*

*Realmente cuidar de um bebê recém-nascido, muito novinho, é algo extremamente cansativo, e uma coisa que eu sempre digo é que o filho te dá a real noção do teu egoísmo (P2).*

A dificuldade dos pais de abdicar de tempo para si em prol do outro se fez evidente, bem como o desejo destes em participar dos cuidados diários com o bebê. Na fala dos sujeitos foi possível notar a ressignificação de valores individualistas durante o pós-parto e a presença da ambivalência devido a tal ressignificação.

### **Considerações finais**

Apesar de os pais entrevistados demonstrarem interesse e desejo em desempenhar atividades de cuidado com seus bebês, as dificuldades de adaptação às demandas contemporâneas - que impelem o pai a participar ativamente das rotinas de cuidado com o filho, abrindo mão, em certa medida, do tempo de que antes dispunham para si - também se fizeram presentes. O temor de ser excluído no âmbito público e perder oportunidades de trabalho na medida em que se incluem de forma tão intensa no âmbito privado perpassou as falas dos entrevistados. Neste sentido, ficou clara a ambivalência experimentada nessa fase em decorrência da flexibilização das fronteiras individuais por um lado, e do investimento na construção do vínculo pai-bebê por outro. Tais questões apontam para possíveis conflitos decorrentes da transição para a paternidade na atualidade, visto que se faz cada vez mais presente a demanda de ocupação do papel de cuidador pelo pai.

Contudo, a participação masculina parece conferir um lugar mais central para o pai no seio da família ao longo dos primeiros meses de vida do bebê, minimizando seus sentimentos de exclusão familiar. O envolvimento do homem na rotina de cuidados com o bebê é uma possibilidade para o pai investir no estabelecimento do vínculo com o filho, contribuindo para a construção de uma relação de intimidade e proximidade familiar.

As trocas entre pai e filho, presentes desde o nascimento, apareceram como facilitadoras da construção do vínculo pai-bebê e minimizadoras das angústias relacionadas à ambivalência. Nesse sentido, o parto foi apontado como

um momento importante no despertar para a paternidade por inaugurar a possibilidade de trocas diretas entre o pai e o bebê.

A transição para a paternidade demanda construção diária, é um processo dinâmico e contínuo, que se dá por meio das relações do homem com sua família e consigo próprio. É um momento de adaptação, no qual os pais experimentam sentimentos contraditórios. Para que os homens possam lidar com os sentimentos inerentes a esta etapa do ciclo vital e ultrapassar tal período de transição com menos dificuldades é necessário que disponham de uma rede de apoio consistente.

## Bibliografia

Antunes, J.T.; Pereira, L.B.; Vieira, M.A. & Lima, C.A. (2014). Presença paterna na sala de parto: expectativas, sentimentos e significados durante o nascimento. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(3), 536-545.

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, Edições 70.

Berlinck, M.T. (2014). As bases do amor materno, fundamento da melancolia. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(3), 403-406.

Brandão, S.M.P.A. (2009) Parte I: Enquadramento Conceptual. In: *Envolvimento emocional do pai com o bebê: impacto da experiência de parto*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Enfermagem, apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar/Universidade do Porto, 5-33.

Ferreira, A.D., Martendal, M.L.N., Santos, C.M.S, Birolo, I.V.B. & Lopes, R. (2014). Participação do pai no nascimento: sentimentos revelados. *Revista Inova Saúde*, 3(2), 16-36.

Jager, M.E. & Bottoli, C. (2011) Paternidade: vivência do primeiro filho e mudanças familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(1), 141-153.

Jardim, D.M.B. & Penna, C.M.M. (2012). Pai-acompanhante e sua compreensão sobre o processo de nascimento do filho. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, 16(3), 373-381.

Maldonado, M.T.; Nahoum, J.C. & Dickstein, J. (1985) *Nós estamos grávidos*. Rio de Janeiro: Bloch.

Matos, M.G. & Magalhães, A.S. (2014). Tornar-se pais: sobre a expectativa de jovens adultos. *Pensando Famílias*, 18(1), 78-91.

Mazzieri, S.P.M. & Hoga, L.A.K. (2006). Participação do pai no nascimento e parto: revisão da literatura. *REME – Revista Mineira de Enfermagem*, 10(2), 166-170.

Medeiros, C.R.G. & Santos, B.R.L. (2009). As vivências da família no retorno ao lar com o primeiro filho. *Revista Ciência & Saúde*, 2(1), 16-24.

Nogueira, J. R.D.F. Envolvimento do pai na gravidez. (2011) In: Nogueira, J.R.D.F. *As implicações do envolvimento do pai na gravidez/parto na ligação emocional com o bebê*. (pp. 29-32). Dissertação apresentada à Escola Superior de Saúde de Viseu,.

Oliveira, A.G. & Silva, R.R. (2012). Parto Também é Assunto de Homens: Uma Pesquisa Clínico-qualitativa Sobre a Percepção dos Pais Acerca de Suas Reações Psicológicas Durante o Parto. *Interação em Psicologia*, 16(1), 113-123.

Oliveira, E.M.F. & Brito, R.S. (2009). Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Escola Anna nery revista de enfermagem*, 13(3), 595-601.

Piazzalunga, C.R.C. & Lamounier, J.A. (2011). O contexto atual do pai na amamentação: uma abordagem qualitativa. *Revista Médica de Minas Gerais*, 21(2), 133-141.

Piccinini, C.A.; Silva, M.R.; Golçalves, T.R.; Lopes, R.S. & Tudge, J. (2004) O Envolvimento Paterno durante a Gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 303-314.

Piccinini, C.A.; Levandowski, D.C.; Gomes, A.G.; Lindenmeyer, D. & Lopes, R.S. (2009) Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382.

Pincus, L. & Dare, C. (1978) *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.

Ramos, M.M. & Canavarro, M.C. (2007). Adaptação parental ao nascimento de um filho: Comparação da reactividade emocional e psicossintomatologia entre pais e mães nos primeiros dias após o parto e oito meses após o parto. *Análise Psicológica*, 3(25), 399-413.

Resende, T.C.; Dias, E.P.; Cunha, C.M.C.; Mendonça, G.S.; Júnior, A.L.R.; Santos, L.R.L. & Silva, E.P. (2014). Participação paterna no período da amamentação: importância e contribuição. *Bioscience Journal*, 30(3), 925-932.

Serafim, D. & Lindsey, P.C. (2002). O aleitamento materno na perspectiva do pai. *Revista Ciência, Cuidado e Saúde*, 1(1), 19-23.

Silva, B.T.; Santiago, L.B. & Lamounier, J.A. (2012). Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão integrativa. *Revista Paulista de Pediatria*, 30(1), 122-30.

Zornig, S. (2010) Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, 42(2), 453-470.